

ARTIGO

DA ESTRANHEZA AO ÊXTASE

“...em telaviv bagdá Brasília a saudade ilha e quem dera eu fosse o mar quem dera...”

OUTRA ERA
(FAGNER E ZECA BALEIRO)

Zeca Baleiro
Especial para o *Correio*

Quando era estudante, eu e mais alguns amigos planejamos nos mudar para Brasília. Às vésperas do vestibular e curiosos pela vida além das “cercas embandeiradas” de São Luís, Brasília parecia a melhor escolha à época.

Não me lembro por que cargas d’água, acabei ficando. Alguns desses amigos foram, fizeram faculdade e se estabeleceram na cidade. Passado algum tempo, fui bater em outras plagas, precisamente Belo Horizonte — onde iniciei, de certa forma, minha história de músico profissional —, e Brasília pairou perdida, por muitos anos, nos meus projetos adolescentes

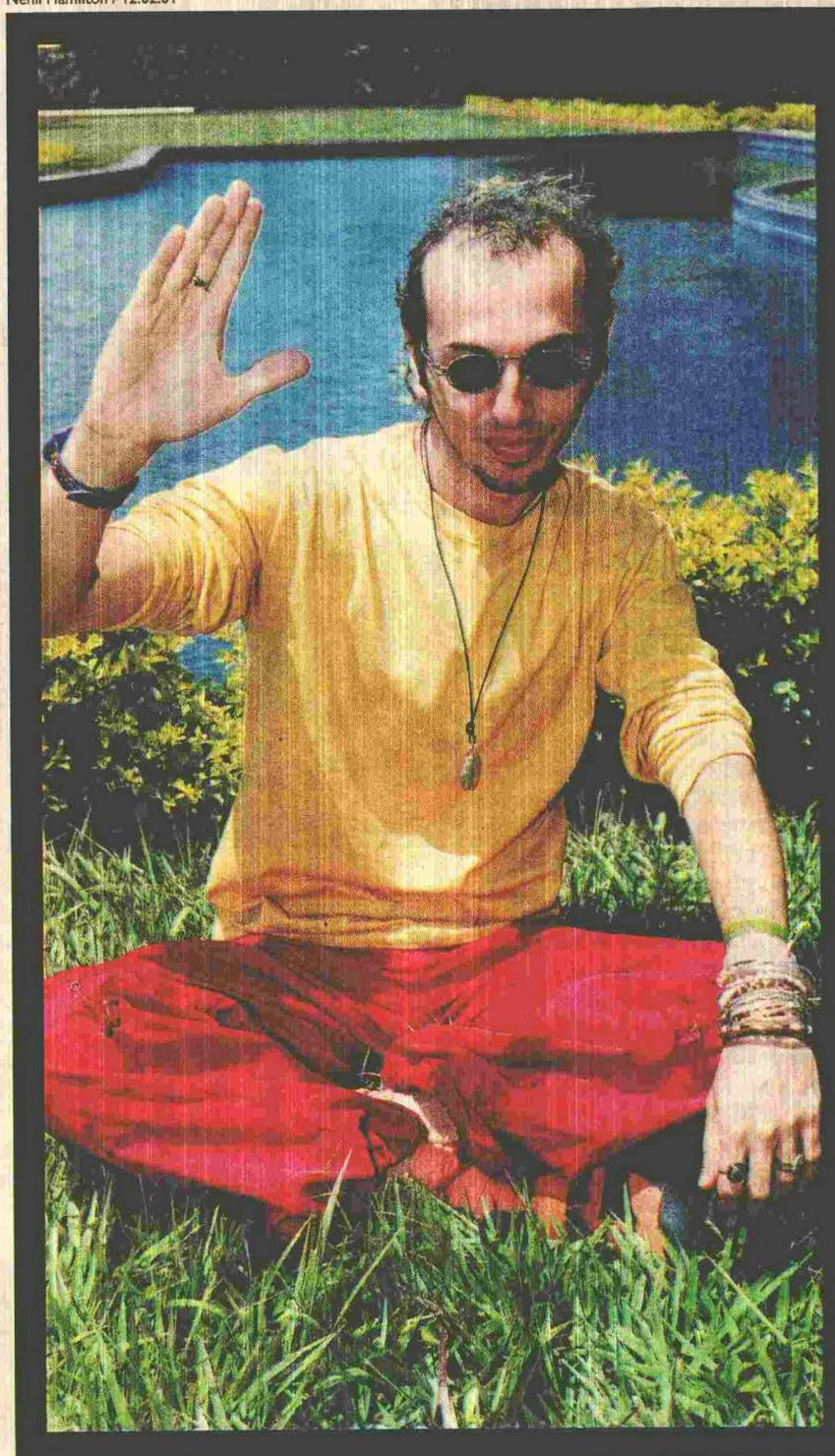
e nos postais que os amigos me enviavam e que o olho aceso da memória registrou.

Só fui ter contato com a cidade muitos anos depois, quando, em 1997, fui convidado a tocar no projeto *Temporadas Populares*, onde lancei o meu primeiro disco. Não tive tempo de conhecer de fato a cidade, seus pontos turísticos, seus monumentos, suas construções peculiares. Confesso que a minha primeira impressão foi tomada de estranheza e incompreensão.

A partir de então, voltei repetidas vezes a Brasília para shows com público sempre crescente, sempre efusivo e afetuoso. Me afeiçoei à cidade, à sua alma provinciana e cosmopolita, e seu temperamento a um só tempo oficial e subversivo.

É claro que, entre uma e outra ida à cidade, quis conhecer seus postais, todos belos como eu imaginava. Nada me impressionou tanto quanto a Catedral. Hoje ovelha desgarrada, fui criança católica, com direito a primeira comunhão, catecismo e tudo o mais. Sempre tive grande atração por igrejas, um misto de curiosidade arquitetônica e fervor religioso mal disfarçado.

Entrei e fiquei sentado, extasiado com a beleza do seu recorte moderno e barroco, com a mágica, a simplicidade e grandiosidade de tudo ali, e



“ENTREI NA CATEDRAL E FIQUEI SENTADO, EXTASIADO COM A BELEZA DO SEU RECORTE MODERNO E BARROCO, COM A MÁGICA, A SIMPLICIDADE E GRANDIOSIDADE DE TUDO ALI, E ME SURPREENDI REZANDO, TOCADO PELAS MÃOS DE DEUS E NIEMEYER”

me surpreendi rezando, tocado pelas mãos de Deus e Niemeyer.

Depois saí e me deparei com o céu azul claro, imenso, quase sem nuvens. Por um momento a vida me pareceu simples e clara como aquele céu.

Monumentos e êxtases místicos à parte, sempre penso que o maior emblema, o grande estandarte de uma cidade é a gente que a habita. Hoje posso dizer, sem medo de parecer populista como um dos inúmeros políticos que lá residem, que me sinto em casa em Brasília, acolhido por uma gente diversa, miscigenada racial e culturalmente, ávida de poesia e estranhamente brasileira.

Saravá, Brasília!

ZECA BALEIRO É
CANTOR E COMPOSITOR MARANHENSE,
AUTOR DE DISCOS COMO *POR ONDE ANDARÁ*
STEPHEN FRY E LÍRICAS